

Os espaços da ordem e os territórios do prazer na cidade de Londrina. O centro e as margens: prostituição e vida boêmia em Londrina (1930-1960), de Antonio Paulo Benatti. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1997.

Andréa Ferreira Delgado*

Para historiar os territórios do prazer na cidade de Londrina, o historiador Antonio Paulo Benatti delinea a constituição dos espaços cênicos e dos territórios marginais, produzindo uma cartografia da normatização e do desejo. Inspirado em Jean-Claude Schmitt, ele considera que as margens e o centro se determinam mutuamente, mantendo relações que “combinam simultaneamente estratégias de exclusão e de integração, de recusa e de aceitação, num complexo e permanente jogo de forças que definia ao mesmo tempo os estatutos sociais dos sujeitos cênicos e dos sujeitos marginais” (pp. 3-4).

Benatti utiliza habilmente um amplo conjunto de fontes: a historiografia, a imprensa, a literatura e as fontes orais se entrelaçam na narrativa. Embora o autor não informe sobre seus encontros com os boêmios entrevistados, percebemos a influência das memórias narradas no processo de interpretação e composição da narrativa histórica. Tanto que sua “história dos territórios e personagens da prostituição” (p. 1), é construída a partir do olhar masculino, tal como analisarei mais adiante.

A trama constitui-se através de múltiplos fios que abrangem diferentes campos da investigação historiográfica: história regional, história da cidade, história da economia cafeeira, história da prostituição e, embora o autor não aborde explicitamente esta perspectiva, história do gênero masculino. Diante da importância desse livro e da multiplicidade de caminhos para análise, escrevo esta resenha com o objetivo de instigar a leitura.

* Professora da Universidade Federal de Goiás – Doutoranda em História pela Unicamp.

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 6	165-168	1999
------------------------	---------------	------	---------	------

No primeiro capítulo, Benatti traça as “Metamorfozes fisionômicas da cidade” recorrendo principalmente à cuidadosa revisão da produção acadêmica sobre a cidade de Londrina e/ou o norte do Paraná. É um “capítulo contextualizante”, como afirma o autor na introdução, imprescindível para o leitor compreender a fundação e as transformações de Londrina, relacionando-as com a marcha da economia cafeeira. Londrina configurou-se a partir dos sonhos de ordenamento e disciplinarização do espaço urbano, planejada por uma companhia inglesa de colonização “em função de um projeto de estrutura agrária e um determinado modelo de agricultura comercial” (p. 15), como estratégia da ocupação capitalista do norte do Paraná.

Acompanhando as transformações de “sua majestade o café”, nos anos 50, a cidade pioneira torna-se a “capital do café”, símbolo do progresso e da modernidade do norte do Paraná. A narrativa vai desvendando as alterações que estabeleceram nova fisionomia para Londrina, ao mesmo tempo em que traça a constituição do imaginário urbano utilizando a imprensa e a literatura local como fontes para pesquisar as representações da cidade e a construção de uma memória histórica local.

No capítulo “Distopias e heterotopias: a cidade erótica”, o autor trabalha o conceito de “heterotopia”, recuperando um texto pouco utilizado de Michel Foucault, a fim de analisar os bordéis e a prostituição como “espaços-outros” ou espaços marginais que constituem os territórios do prazer.

Ao historiar a prostituição, Benatti entrelaça a história das margens com a história do centro, revelando que as representações perceptíveis na literatura e na memória dos boêmios acompanham a mesma periodização que relaciona a cidade com a economia cafeeira: “uma é a história da boêmia e da prostituição antes do café; outra é essa história durante o seu auge” (p. 101).

O estudo da “prostituição pioneira” demonstra a importância da prostituição na vida cotidiana e no imaginário urbano. O quadriculamento inicial do espaço previa o território do prazer: “a zona do meretrício nasceu sob o signo de uma dupla marginalização: uma segregação espacial em relação ao ‘centro’ ou à ‘urbs’ propriamente dita; e uma marginalização social de seus habitantes – e mais evidentemente das meretrizes – em relação aos outros estratos e grupos da sociedade ‘normatizada’” (p. 87).

A “expansão das margens” acompanhou o desenvolvimento da cidade. A prosperidade cafeeira atraiu meretrizes e o número de prostíbulos aumentou na década de 50, ao mesmo tempo em que surgiram bordéis mais luxuosos destinados à elite. A diferenciação social atingiu as heterotropias e a homogeneização da prostituição pioneira foi substituída por uma rede de meretrício que incluía uma diversificada tipologia dos lugares do prazer. A Vila Matos, zona do meretrício nos anos 50, foi esquadrihada pelo autor que entrelaça a imprensa com as memórias dos boêmios para compor uma cartografia da heterogeneidade da vida boêmia, inventariando as pensões, as chacinhas, os bares, restaurantes e boates, além dos bordéis que iam dos “muquifos” (“casa de mulher rampeira”, na definição de um boêmio) até as aristocráticas e luxuosas *maisons* noturnas (onde predominava a “importação de meretrizes”).

Essa diversificação significou também o acirramento das tensões entre o centro e a margem. No capítulo “Os avessos do lúdico”, Benatti escreve a história do “Eros acantonado” ou, em outras palavras, as diferentes estratégias de confinamento e disciplinarização dos territórios do prazer, na tentativa de impedir que a produção e o funcionamento das heterotropias fugissem ao controle das classes dominantes.

Ao longo dos capítulos, contribuindo para que a história da prostituição ganhe novos contornos, o autor relaciona a zona de meretrício com o lúdico:

“além do sexo, ou melhor, incluindo os serviços de satisfação do desejo sexual, os homens buscavam nos lupanares um espaço de encontro, onde podiam conversar, jogar, dançar, cantar e beber; em suma, um lugar de sociabilidade fora do âmbito familiar e do mundo do trabalho, um território lúdico de ‘camaradagem boêmia’.” (p. 84)

Em outras palavras, os espaços do prazer contemplam não somente os territórios do erótico, mas também do lúdico, tão pouco estudados pela historiografia. Ao privilegiar a memória dos boêmios, sem explicar ao leitor os motivos de não ouvir as prostitutas, Benatti constrói a experiência masculina dos territórios da heterotropia urbana. Uma leitura atenta dos trechos das entrevistas que permeiam os capítulos demonstra que, para a produção do

documento oral, foi de fundamental importância o gênero do historiador e dos colegas que o acompanhavam: os depoimentos são confidências entre homens, pontuadas pelos risos e códigos masculinos, em que os velhos boêmios buscam a cumplicidade dos jovens – “Era muita mulher, rapaz, muita mulher mesmo. Muito gostoso aqui” (Francisco, p. 84); “É como hoje. Você vai numa boate aqui, dança com a mulher ou bebe com a mulher, depois você vai para o motel. Lá não precisava ir para o motel, porque não tinha motel. Então ficava lá, já tinha a casa e tudo” (Mario, p. 116).

Francisco, Mario, Rosendo, Clério, Antonio, Edson, José vão lembrando a zona do meretrício como espaço de sociabilidade masculina, estabelecendo a diferença entre “boêmia e marginália” (p. 175ss), delineando a figura do boêmio como “um tipo social que transita do mundo administrado da sociedade do centro para o mundo mais distenso das margens da cidade, de onde retorna como um cidadão de bem” (p. 180). Interessa destacar, para refletir sobre a memória coletiva, que os depoimentos mantêm semelhanças e instituem o que o autor chama de “verdadeiros clichês da memória”, aquelas reminiscências partilhadas pelo grupo: nomes, situações, fatos, anedotas.

Essa memória é generificada, ou seja, representa a identidade dos boêmios com base nos comportamentos masculinos, no imaginário e nas auto-representações produzidas em torno das concepções dos papéis sociais dos gêneros masculino e feminino. Ou seja, mais do que focalizar a prostituição, o livro tematiza o que é “ser homem”, determinando os significados do “ser boêmio”, em Londrina, no período em questão. O autor contribui para a escrita da história do gênero masculino ao considerar os homens não como sujeitos universais, mas como historicamente constituídos a partir das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos que engendram as hierarquias entre os gêneros e os modelos de masculinidade dominantes, compartilhados pelos homens dos centros e das margens. Nas palavras do autor: “Não é por acaso que a memória da boêmia revela-se extremamente falocêntrica. Nela o eros feminino não aparece: a mulher aparece como objeto do desejo, não como sujeito dele” (p. 183).